

# O PRIMEIRO VOO DE ÍCARO

Luís Alberto de Abreu

## **DIREITOS AUTORAIS**

Este texto foi escrito especialmente para as escolas participantes do  
**Projeto Conexões Teatro Jovem**  
e fez parte do seu portfólio no ano de 2008.  
Qualquer montagem fora do Projeto deverá ser  
negociada com o autor ou seus agentes sobre os direitos autorais.

**Luís Alberto de Abreu: SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais)**  
[sbat13@ism.com.br](mailto:sbat13@ism.com.br)



REALIZAÇÃO



## **Personagens**

Professor Marcos Dédalus

História Zilah:

Zilah

Mãe

Dioni

Traficante

Vizinha

Chefe

Amiga

História Leona

Leona

João Pedro

Mirinho

Zédu

Alice

Joel

História Joel

Joel

Pai

Mãe

Amigo

## O PRIMEIRO VÔO DE ÍCARO

PALCO NU. UM GRUPO DE ESTUDANTES TOMA O PALCO DANÇANDO. É A FESTA DE FORMATURA DE UMA ESCOLA DE PERIFERIA. AO FUNDO, NUMA TELA PROJETA-SE UM DESENHO DE ÍCARO CAINDO AO MAR EGEU COM O SOL AO FUNDO. PROFESSOR ENTRA NO PALCO, É ALGUÉM NA FAIXA DOS CINQUENTA ANOS COM UNS POUCOS CABELOS GRISALHOS. ELE SE DIRIGE À PLATEÍA COMO NUMA PALESTRA.

PROFESSOR Contam que o engenhoso arquiteto Dédalus construiu para ele e seu filho asas de penas coladas com cera e assim fugiram do labirinto de Creta onde foram deixados para morrer pelo rei Minos. Deslumbrado em poder voar, Ícaro cruzou a liberdade do ar e subiu cada vez mais alto na direção do sol até que a cera de suas asas derreteu e ele caiu para a morte no mar Egeu. Homens e mulheres lamentaram a imprudência do jovem, mas enquanto durou o vôo, com certeza não houve no mundo alguém mais feliz nem ninguém voou tão perto do sol. (PROJETA-SE A IMAGEM DA ARQUITETURA PESADA DE UMA DE ESCOLA DO ESTADO NA PERIFERIA) É feia, suas formas em concreto lembram uma prisão, mas aprendi a amar seus corredores frios e pesados em nome da alma e da alegria que circulavam por eles: tantos ícaros de asas frágeis coladas com cera! (PROJETA A IMAGEM DE UMA CLASSE) Sou um professor, é claro. De segundo grau, do Estado, da periferia. Dizem que um professor de verdade não deveria perder um único aluno. Eu tenho perdido alguns para a violência, para as drogas, para a desesperança. Dói, mas não conto as perdas que, de resto, são inevitáveis, prefiro contar os ganhos. (PROJETA UMA FOTO DE FORMATURA DE SEGUNDO GRAU) Lembro-me desse grupo, dessa noite de formatura, e em especial, da história de

alguns deles. (A IMAGEM DE UMA GAROTA NEGRA SE DESTACA NA FOTO PROJETADA) Zilah.

## PRIMEIRO CANTO DE ZILAH

GRUPO DE ATORES ENTRA CANTANDO A BALADA DE ZILAH.

ATORES

Veio ao mundo numa noite de chuva  
Combinou com a pobreza como a mão e a luva  
Chorou fraco em protesto no barraco estreito  
Em seu pequeno peito o ar da vida penetrou.  
Com cheiro de miséria.  
Um papelão por leito, um trapo por cobertor,  
E ainda por resto,  
Um pai com cara séria que profetizou:  
Mulher, vou ser honesto  
Esse caco de gente não vai vingar

ZILAH

Mas Zilah vingou!  
Aos trancos e barrancos chegou ao primeiro ano  
'Ao segundo não chega' uma vizinha decretou  
Não faça planos! O doutor falou: pneumonia grave, é ave de rapina  
que fincou as garra no pulmão da menina. A fina linha da vida  
ameaçou arrebentar.  
A menina lutou, mas pra que lutar?  
A luta é vã, disse a vizinha,  
Essa vida é malsã, escuta o que eu digo,  
Se conforme em Deus,  
Não dura uma semana,  
Não dura um dia, disse o doutor, não dura até amanhã.

ATORES

Mas Zilah durou! '  
Não tem bom senso de cumprir as profecias  
Com rebeldia afronta o futuro que lhe dão  
É de opinião. E grita não ao amanhã sem alegria  
Um dia não é nunca igual ao outro.

A vida é um sopro, é nisso que acredita.  
Moça bonita, mas tem a boca dura  
E não se conforma com o mundo em que está.

ZILAH A vida é um sopro  
Meu futuro há de ser leve

ATORES Você busca o que não pode  
Você quer o que não deve  
Se conforma, Zilah!  
Mas Zilah não se conformou!

ZILAH Aos quinze anos amou como se ama aos quinze anos. (UM GAROTO, DIONI, SE APRESENTA DO OUTRO LADO DO PALCO. ZILAH O OLHA E SE ABRE NUM SORRISO. DIONI SORRI IGUALMENTE. OS DOIS SE APROXIMAM ENQUANTO NARRAM)

DIONI Aos quinze anos o amor vaza pelos olhos por não caber dentro de nós.

ZILAH Aos quinze anos basta um olhar, um sorriso e temos a certeza definitiva que é ele e é pra sempre e é pra tudo. Foi assim. Um olhar que atravessou a rua de terra da periferia, a cerca de varas, o quintal da casa, o coração de Dioni.

DIONI E agitou meu sangue. Aos quinze anos a vida é só sede e todas as águas do mundo não bastam.

ZILAH Aos quinze anos o amor é abismo e repouso; é o impossível que existe ao alcance da mão.

DIONI Aos quinze anos aprendemos o impossível, para sempre. (ABRAÇAM-SE COM AMOR. SUBITAMENTE, ZILAH AFASTA DIONI DE SI E VIRA-SE DE COSTAS PARA ELE. DIONI PERPLEXO) Que foi?

ZILAH (IRRITADA) Você sabe!

DIONI O que é que eu sei? (ZILAH SE VOLTA PARA ELE E O ENCARA UM TEMPO. DIONI ENTENDE) Já lhe contaram? Esperava que entendesse.

ZILAH Não entendo!

DIONI Porra, Zilah! Tudo o que tenho é um par de calças, um tênis rasgado e três camisas... É só um tempo...

ZILAH Não é só um tempo, você sabe!

DIONI Estou de saco cheio de fazer bico, de nunca ter nada! A gente não tem alternativa.

ZILAH Tem!

DIONI Não vou viver como meu pai perdendo a vida e a saúde em troca de salário...

ZILAH Ele tá vivo até hoje!

DIONI Não agoura, não chama!

ZILAH Não tô chamando! (PAUSA. CHORA.) É medo... Cai fora!

DIONI Não dá. Na construção, na grande obra do país, é isso o que nos sobra! Gente pobre é nada, é barco que soçobra numa virada de vento. E quem não tem alento, não tem porto. A gente é peso-morto que se dobra à força do momento.

ZILAH Não tem que se dobrar!

DIONI O paraíso existe, Zilah, mas tá fechado pra nós, na porta um anjo-megonha armado, fuzil em riste. É triste, mas assim é o mundo.

ZILAH Não é, não pode ser.

DIONI Me abraça!

ZILAH Não! Cai fora dessa!

DIONI Não posso, você sabe. É só um tempo...

ZILAH Não é. (DIONI A ABRAÇA)

DIONI Olha a lua, faz tempo que ela não abre bonita assim. (OLHAM) A gente vive é hoje e hoje você é a água da minha sede. (ABRAÇAM-SE. ZILAH NARRA ABRAÇADA A DIONI)

ZILAH As casas toscas, as ruas de terra, os becos apertados e sujos ficaram lindos banhados pela lua. O frio da noite convidava ao abraço. Não recusei mesmo com uma neblina de tristeza que me caía sobre os olhos e sobre a alma.

PROFESSOR Dizem que quinze dias depois numa madrugada de tempestade, encontraram Dioni seminu, estendido no campinho de terra, baleado quinze vezes, com o sangue já lavado pela chuva.

Desculpem a dureza da descrição, mas foi de forma dura assim que contaram para Zilah. Foi um curto vôo de peão do tráfico! Por dia, dia e dia Zilah chorou, chorou e chorou. No quarto dia respirou fundo, delicadamente dobrou e redobrou toda a extensão da tristeza, guardou e fechou tudo sem ruído na gaveta do fundo de seu coração. E foi em frente.

## SEGUNDO CANTO DE ZILAH

- ZILAH            Com seu enorme olho de prata  
A lua no céu mirou a cidade dividida  
Em centro e periferia  
E tantas histórias brutas e breves  
Outras leves disputas  
E no meio da luta  
Zilah olha em volta de sua neblina.  
É pouco mais que menina  
E já lhe pesa a vida adulta.  
Olhos cegos tentam devassar o escuro.  
Não chore, Zilah, o dia de ontem  
O dia de hoje pode iluminar o seu futuro.  
Com seu enorme olho de prata  
A lua no céu mirou a menina dividida.
- PROFESSOR    No dia seguinte Zilah voltou ao trabalho, mas não foi por muito tempo.
- CHEFE            Mandei embora, mesmo! Ela é de ouro? É uma fresca sebosa! Subiu pra cima de mim, me apontou o dedo na cara, falou o que quis. Quem ela pensa que é? Balconista com ares de madame, mulher de bandido! Rua!, eu gritei. Vai procurar seus direitos!
- ZILAH            (APONTA O CHEFE) Ele chegou com conversinha mole e foi pondo a mão nos meus peitos como se fosse dono. Dona de mim sou eu!  
(CHEFE SAI CONTRARIADO)

- MÃE                    Você é muito boca dura, eu disse. Agora tá aí, na rua, como é que a gente vai viver? Essas coisas, esses homens... tem de saber levar, filha.
- ZILAH                   Não levo, mãe! Estou cansada, mãe dessa pobreza sem dignidade e sem futuro.
- PROFESSOR           ‘Prestem atenção na aula!’, um dia gritei. Eu mesmo me assustei com minha raiva, mas continuei: ‘Vocês não tem nada! Nem dinheiro, nem futuro e , se deixarem, vão continuar presos à miséria e à ignorância! Ninguém está interessado em vocês a não ser vocês mesmos! A única chance de vocês é o esforço do conhecimento! É impossível mudar o mundo?! Pois vocês vão ter de buscar o impossível, pois todas as coisas possíveis já têm dono e não são de vocês!
- ZILAH                   Lembro bem desse esporro que o professor Dédalus deu na classe. Falou, gritou, bateu boca e saiu da sala dizendo que ia abandonar a escola pública. No outro dia voltou.
- PROFESSOR           Alguém acredita em karma? Que os destinos se misturam como o meu está misturado com o destino desses meninos? Pois pode começar a acreditar.
- TRAFICANTE          Vocês não me conhecem, então me apresento: Nessa zona aqui mando eu e desde quando ela era ainda garota do Dioni eu tinha um olho esticado pra ela. A menina formou bem, bonita, corpo gostoso, olho de gata brava, gosto disso. Mandei entregar cordão de prata, mandei anel de ouro, não aceitou, mas ela tá na minha lista. Escreve o que digo, não demora e ela vem de quatro, mansinha, mansinha, comer na minha mão. De um jeito ou de outro ela vem.
- VIZINHA                Sou vizinha e o que digo aqui digo também pra ela, cara a cara: Zilah não tem bom senso! Quer ser diferente, parece coisa que tem vergonha de ser como a gente. Pensa que é dona do mundo!
- MÃE                    Não é isso, dona Cida!, eu falava.
- VIZINHA                ‘É!’, eu respondia. ‘Sua filha foi criada com muito mimo e agora que a senhora tá doente, fica aí, sem fazer nada’.

- MÃE Não arruma emprego.
- VIZINHA Boca dura do jeito que é! Ela busca o que não pode, quer ser o que não deve! Não sei onde ela vai parar!
- MÃE E assim foi. O mês de abril correu sem muita chuva abrindo as flores do pezinho de manacá que eu tinha plantado numa lata no fundo do quintalzinho e esperei para ver minha flor de maio que fazia inveja aos vizinhos, no vaso pendurado à parede sem reboco. O inverno foi frio e começou a cobrar de mim os anos de tristeza e trabalho bruto. As juntas doíam e meu coração começou a soprar sem força. Pressenti que se visse a primavera, com certeza não alcançaria o verão.
- ZILAH A perda. As malditas palavras não dão conta daquilo que a gente não entende, por isso não tento explicar. Só digo que meus olhos se arregalaram, depois se afogaram em muito, muito choro enquanto eu aprendia uma nova dor.
- MÃE Da cama onde eu estava, chamei ela e contei um desejo guardado durante a vida: ‘Zilah’, eu disse, eu queria um enterro bonito, caixão de boa madeira lavrada e bom verniz, forrado de cetim e flores, muitas flores...
- ZILAH Prometi dar esse gosto. Então, a tristeza, a perda e o abandono bateram à porta naquele instante e entraram como estranhos e calados visitantes que se sentam em nossa casa sem data para partir. A vida é um pequeno fio, mas se rompe com uivos, estrondos e, depois, silêncios. Foi assim para mim. (TRAFICANTE, SORRIDENTE, ENTRA EM CENA COM DUAS CADEIRAS QUE DISPÕE UMA FRENTE A OUTRA. SENTA-SE, CONTENTE.)
- TRAFICANTE As notícias correm e um enterro desses custa caro. Soube que ela subiu e desceu atrás da grana. Vai chegar em mim. (ZILAH ENTRA) Ela não veio com os olhos baixos, humildes, ao contrário do que eu esperava. ‘Meus sentimentos’, eu disse.
- ZILAH Não respondi de pronto. Olhei para aquele homem e percebi que estava cansada, muito cansada.

- VIZINHA Vi quando ela entrou. Com a desculpa da ajuda para o enterro ela se entrega ao bandido.
- ZILAH Enterro minha mãe e me cubro com blusas de seda e cuidado de mim com perfume e roupa de grife e me deito em lençol de cetim e não me importo com quem se deita sobre mim!, gritei pra mim mesma. Cansei de minha pobreza indigna!
- TRAFICANTE Olhei como quem toma posse e sorri como quem vislumbra o prazer e o calor da pele nua.
- ZILAH Fui à direção dele como quem sabe o que faz. Cansei de minha pobreza indigna!
- VIZINHA Não preciso nem ver para saber o que está acontecendo lá dentro. Desavergonhada como ela é... No dia da morte da mãe!
- TRAFICANTE Ela veio mansa, sorri.
- ZILAH Fui sem receio e sem remorso antecipado. Não me importo com quem se deita sobre mim, gritei de novo para mim.
- TRAFICANTE Tenho o que quero.
- ZILAH Parei e dei ordem pra minha boca sorrir, ela sorriu. “Enterre minha mãe como ela queria, amanhã eu volto e seja o que você quiser!” eu quis dizer, mas a voz se recusou.
- TRAFICANTE E o que não tenho mando buscar.
- ZILAH Cansei de minha pobreza indigna, repeti, mas um eco profundo, uma vibração frágil agitou de leve o ar de que é feito o tecido da alma. E soprou “não” em meus ouvidos.
- VIZINHA Já está saindo? Mas nem bem entrou!
- TRAFICANTE Onde você vai? Quem você pensa que é? Você ainda vai me procurar, vagabunda! Vai voltar de joelho, pedindo minha ajuda pelo amor de Deus!
- VIZINHA Mas é louca? Rejeitando um homem como ele! Você não tem senso, Zilah! E o enterro de sua mãe, filha ingrata? (AS PESSOAS FORMAM UM SEMICÍRCULO EM VOLTA DO QUE SERIA O CORPO NUM VELÓRIO. TARTAMUDEIAM UMA ORAÇÃO. ENTRA ZILAH.)
- ZILAH Na mochila pus minhas duas mudas de roupa e meus livros de escola o que era muito pouco para começar a vida, pensei.

Debrucei sobre o corpo de minha mãe e meus olhos estavam secos e minha boca permaneceu calada. Só minha alma chorou, amou, agradeceu, sorriu e se despediu. Essa foi minha oração. Não suportei mais e sai dali para espanto e recriminação das pessoas que lotavam o pequeno quarto.

VIZINHA

Saiu como o vento, nem esperou o enterro da mãe. Isso é filha?!

AMIGA

Cruzou a rua de terra com os olhos secos e os ouvidos surdos a comentários e olhares duros. Ao passar por mim fez um aceno, leve sorriso e afastou-se com o passo firme de quem sabe onde vai.

ZILAH

Que os mortos enterrem seus mortos, pensei com a dureza da alma. Eu sei que minha mãe vive e, às vezes, sua boa voz sopra nos meus ouvidos.

#### TERCEIRO CANTO DE ZILAH

ATORES

Lá vai Zilah, ela não tem senso

E seu imenso futuro quem vai guiar?

Olha só o que lhe digo

Caminho que ela passar

Ali mora o perigo

Ela busca o que não pode

Ela quer o que não deve

A vida não vai ser leve

Olha só o que lhe digo.

Tem dezessete anos

É mulher, mal saiu do ovo

Quem ela pensa que é?

O mundo já está feito

Pra que construir de novo?

Ela não aceita as coisas como são

Não sabe onde é seu lugar

Quem lhe chamará à razão

Quando desnortear  
Quem vai lhe guiar  
Em seu futuro imenso  
Zilah tem pouco senso  
É a melhor definição  
Tudo nela é imprevisto  
Pois prefere sempre o risco  
De ouvir seu próprio coração!

SURGE NO TELÃO NOVAMENTE A IMAGEM DA  
FORMATURA. UMA MUSICA BEM ROMÂNTICA E BREGA SE OUVE  
E LOGO UMA GAROTA GORDINHA ENTRA CANTANDO. ELA  
CANTA COM PAIXÃO EXAGERADA O QUE LEVA AO RISO SEUS  
COMPANHEIROS DE FORMATURA. ELA TERMINA DE  
CANTAR E OS ALUNOS APLAUDEM E RIEM. ELA AGARRA UM DOS  
ALUNOS E, PRATICAMENTE, O ARRASTA PARA UM CANTO.

LEONA João Pedro, essa música eu cantei pra você.

JOÃO PEDRO Por que?

LEONA Como, porquê? É claro, não é?

JOÃO PEDRO É claro o quê, Leona?

LEONA Ah, João Pedro! Não se faça de difícil, bem você que tem fama de  
galinha! (NUM ARROUBO) Fica comigo! Por você posso virar até  
uma perdida!

JOÃO PEDRO O quê?

LEONA Não, também não é assim! “Perdida” é só modo de dizer porque  
também não sou como essas... se bem às vezes eu queria ser... só  
um pouquinho... Me beija!

JOÃO PEDRO Como?

LEONA Beijo! Ósculo! Lábio contra lábio, delicada e curta penetração da  
língua, leve movimento de sucção, simples assim! Kiss! Kiss! Kiss!  
(JOÃO PEDRO CAI NA GARGALHADA. APÓS UM SEGUNDO DE  
ESPANTO, LEONA GARGALHA AINDA MAIS E DEPOIS SE AFASTA.  
FURIOSA E RESSENTIDA) Besta! Idiota! Esses meninos não fazem

nada direito! (ENXUGA UMA LÁGRIMA) Droga! (NARRA) Tem alguma coisa errada comigo, tenho dezessete anos e... ainda nada, nem uma paixão! Até a Carlucha que é uma tonta bizarra, bem piorzinha que eu, anda pra cima e pra baixo com o André. Dizem até que já deu! Eu, não! Oportunidade não falta, os carinha, assim ó, dando em cima, mas... Ufa! Que cansaço de mim mesma!

PROFESSOR Leona é uma lembrança risonha, pois era uma alma risonha. “O coração, de tão cheio, vasa pelos olhos”, escreveu uma vez numa redação. Ela era assim, gostava de escrever e queria a todo custo se apaixonar por uma idéia, por um trabalho, por alguém. (PROFESSOR LÊ UM PAPEL) Professor Marcos Dédalus. É para mim, ( DESDOBRA O O BILHETE)

LEONA Professor, não sei como dizer, por isso jogo toda a delicadeza do que sinto de forma bruta para que penetre como faca e se prenda como dedos de nuvem à sua alma: eu te amo.

PROFESSOR Querida Leona, mais do que eu, você ama as palavras e a capacidade que elas têm de traduzir os redemoinhos, corredeiras e remansos da sua alma. Marcos Dédalus. Amou-me para sempre... por uma semana. (OLHA NOVAMENTE PARA A FOTO DE FORMATURA) Lembro-me de cada um deles. Cris, Téó, William, Paula, Dafé... Tantos que abriam as asas e se lançavam com coragem ao ar só pelo prazer de desafiar a gravidade. Penso que ser adolescente é isso: risco e coragem. A noite de formatura começava ansiosa, tensa, como um dia importante. (OLHA PARA OS BASTIDORES E APONTA A TÍMIDA ENTRADA DE MIRINHO) Ali vem o Mirinho. (ENTRA UM GAROTO MUITO TÍMIDO, COM PASSOS HESITANTES ) Ele vai ter uma função importante nesta história.

LEONA Mirinho! Que bom que você veio! Você fica comigo? (MIRINHO SE APROXIMA) Falei ‘fica comigo’, mas não é ficar de dar malho, não, é só ficar do lado, aí, sem fazer nada, companhia... Você gosta de alguém, Mirinho?

MIRINHO (DÁ DE OMBROS) Gosto...

LEONA Mas gosta de paixão, de comer, beber, dormir e cuspir pensando na pessoa?

MIRINHO É...

LEONA Até você, Mirinho!? Será que só eu não tenho onde amarrar meu jegue?

MIRINHO Mas a pessoa nem percebe.

LEONA Acho que sou esquisita igual você.

MIRINHO Não sou esquisito!

LEONA Eu sei, só falei porque você é meu amigo, não queria ser a única esquisita. Zedú!

MIRINHO Que é?

LEONA Zedú.

MIRINHO Que é que tem o Zé Du?

LEONA É gente fina.

MIRINHO Você tá gostando dele?

LEONA Ainda vou gostar! Ele é tudo de bom! Alto, bonito, gostoso...

MIRINHO (DESPEITADO) É tudo isso?

LEONA Pra mim, é. Um menino desses é metade de mau caminho andado! A outra metade eu faço sozinha!

MIRINHO (IRRITADO)Vou dar um rolê!

LEONA Não, fica aí!

MIRINHO Então, muda o papo! Você só fala de carinha que você quer ficar, namorar! João Pedro, o Dédalus, o Zedú...

LEONA Pera'í! Assim fica parecendo que eu sou a maior galinha. Com o João Pedro era só ficar. Com o professor Dédalus era... sei lá o que era aquilo! Com o Zédu é... também não sei o que é... Ele tem tudo pra alguém se apaixonar por ele só que, não sei... tem alguma coisa errada comigo, não consigo... mas vô conseguir porque é um desses que eu quero pra mim! Sabe como comecei a querer gostar dele? Foi por causa de uma carta.

MIRINHO Uma carta?

LEONA Uma carta linda que ele escreveu. Um carinho que escreve como aquela, com tanta ternura...

MIRINHO E o Zedu sabe lá escrever?

LEONA Claro que sabe! (APAIXONADA) E como! Tenho uma carta dele comigo. Uma não, duas! (MIRINHO A OLHA INCRÉDULO)

MIRINHO Que cartas são essas?

LEONA Carta de amor!

MIRINHO Como você conseguiu? (COMEÇA A TOCAR MÚSICA ROMÂNTICA DO BAILE) Não interessa, vamos dançar!

MIRINHO Não sei dançar! (LEONA JÁ ARRASTA MIRINHO QUE A CONTRAGOSTO COMEÇA A DANÇAR COM OUTROS FORMANDOS)

PROFESSOR Foi uma festa simples de formatura, sem pompa, sem luxo, de escola pobre, mas ali estava o principal de toda formatura: a alma aberta, ansiosa e temerosa dos novos caminhos. (AOS POUCOS A MÚSICA, UMA MÚSICA ROMÂNTICA QUALQUER TRANSFORMA-SE NO CANTO DA SEPARAÇÃO. TODOS CANTAM E A COREOGRAFIA TRANSFORMA-SE EM ABRAÇOS, AJUNTAMENTOS E SEPARAÇÃO.)

#### CANTO DA SEPARAÇÃO

Quantos de nós  
Quantos de nós  
Ficarão juntos  
Eu me pergunto  
Desejo pede  
Juntos pra sempre  
Mas o tempo  
Vai nos separar eu sei.  
O amanhã traz  
Uma outra cidade  
Outro namorado

Uma outra escola distante  
Vamos ficar juntos  
Eu desejo  
Mas me pergunto  
o trabalho  
um novo rumo  
Telefone, escreva,  
Nos falamos  
Não vamos nos perder  
De nós.  
Não vamos nos esquecer  
Tá jurado,  
Vamos ficar juntos  
Vou chorar  
Essa foi a melhor turma  
Que essa noite não acabe  
Que não venha  
O amanhã com outra cidade  
Um trabalho distante  
Um tempo sem tempo  
Vamos ficar juntos  
Para sempre.

(QUANDO O CANTO ESTÁ CHEGANDO AO FIM MIRINHO SE DESTACA DO GRUPO JUNTO COM UM OUTRO RAPAZ, ZÉDU. MIRINHO ESTENDE A CARTA A ZÉDU. AO MESMO TEMPO LEONA SE DESTACA DO GRUPO QUE LENTAMENTE SE MOVIMENTA TODOS ABRAÇADOS. LEONA ENXUGA AS LÁGRIMAS. DESDOBRA UMA CARTA E NARRA AO PÚBLICO)

LEONA

Preciso falar com o Zédu. Ouvi dizer que ele e a família vão de muda para o interior. É agora ou nunca! Mesmo que ele não queira nada comigo pelo menos ele fica sabendo que vai deixar aqui alguém que está apaixonado por ele. (LÊ) “Perdoe a ousadia de lhe escrever, mas quem me traz até você é o meu coração. Ele não

sabe da minha timidez, nem gagueja como minha boca quando lhe falo, nem treme como minhas pernas quando me aproximo de você. Ele não conhece limites e me arrasta nos caminhos que trilha. Ele me diz: vem! E eu confio e deixo me guiar por ele. Ele me trouxe até você. Por ele e por mim eu lhe peço: acolha com carinho o meu coração. Zédu” Ele escreveu, não é lindo? Não é de se apaixonar? É tão linda que não tem nem importância que não foi escrita pra mim!

ZÉDU                   Você trouxe?

MIRINHO            Trouxe, mas não sei se vou lhe dar.

ZÉDU                   Por que, cara?

MIRINHO            Porque acho que vou precisar dela.

ZÉDU                   Não faz isso comigo, tem de ser hoje! Olha lá! A Alice vai acabar parando na do Joel! Faz um tempão que estão bebendo,

MIRINHO            O Joel não tem nada com a Alice.

ZÉDU                   Mas pode começar a ter! Passa pra cá!

MIRINHO            Não sei, não sei mesmo, Zédu! (O GRUPO CONTINUA A DANÇAR ABRINDO A RODA E TOMANDO O ESPAÇO DO PALCO)

ALICE                 No que você está pensando?

JOEL                  Nada.

ALICE                 Então vê se fica alegre senão eu troco de par!

JOEL                  Não, pode deixar! Estava pensando o quanto família é difícil... mas deixa pra lá. Que você vai fazer depois?

ALICE                 Queria fazer faculdade, mas não ganho pra isso.

JOEL                  Vou tentar a USP.

ALICE                 Sem cursinho?

JOEL                  Que jeito! Rachei o coco de estudar! (TEMPO) Dá um peso no coração... Essa turma...

ALICE                 (SOLUÇANDO) Não começa, não! De novo, não! Não quero pensar! (GRITA) Vamos por uma música mais animada porque eu não quero chorar! (MÚSICA TORNA-SE FRENÉTICA E OS ADOLESCENTES DANÇAM SEPARADOS AO SOM DO RITMO. TODOS MENOS JOEL QUE PERMANECE PARADO, PASMO,

ACOMPANHANDO COM O OLHAR UM CASAL QUE ENTRA. BAIXA O VOLUME DA MÚSICA MAS OS FORMANDOS CONTINUAM DANÇANDO COMO SE NÃO TIVESSE HAVIDO ALTERAÇÃO)

- JOEL            Pai! Mãe! O que vocês estão fazendo aqui?
- PAI             Oi, filho!
- MÃE            Só passamos pra ver se você estava se divertindo!
- JOEL            Eu estava até vocês chegarem!
- MÃE            Não fale assim com a gente.
- JOEL            Vocês não tinham nada que estar aqui! Deixem que eu viva a minha vida!
- MÃE            Está bem, Joel, estamos indo... Desculpa atrapalhar. Vamos esperar você em casa, não volte tarde...
- JOEL            Não! Eu não vou voltar para casa!
- PAI             E vai para onde?
- JOEL            Não interessa! Me deixem em paz, merda! (SAI FURIOSO. O PAI, IRRITADO, FAZ MENÇÃO DE IR ATRÁS DO GAROTO MAS É CONTIDO PELA MÃE. OS DOIS, APÓS UM SEGUNDO DE PASMO, SAEM LENTAMENTE)
- PROFESSOR    Joel é um adolescente-problema segundo seus pais. (A MÃE QUE IA SE AFASTANDO RETORNA)
- MÃE            Oh, meu Deus, era um menino tão bom, tão meigo... É a idade.
- PAI             É falta de disciplina, eu sempre disse!
- PROFESSOR    Agora, não, por favor. Vamos deixar a história de Joel pra depois. (INDICA A SAIDA) Por favor... (A UM GESTO DO PROFESSOR RETORNA LEONA) A carta.
- LEONA           Ah, a carta! Ele escreveu para a Alice e eu achei perdida no pátio. Não devolvi primeiro porque a Alice é uma chata. E depois porque quem devia receber uma carta dessa era eu! Então fiquei com ela, me dei de presente! Tô errada?
- ZÉDU           Me dá, Mirinho!
- MIRINHO       Sabe o que é, Zédu? É que o que tá escrito aqui é o que eu sinto também.

ZÉDU                   Pela Alice? Sai dessa, cara! Eu te cubro de porrada! Tô parado na da Alice faz tempo e você sabe disso!

MIRINHO               Que mané Alice! É outra pessoa!

ZÉDU                    Quem?

MIRINHO                Não interessa!

ZÉDU                    Arruma outra carta, essa é minha!

MIRINHO                Que sua! Fui eu que escrevi! Pô, quem mandou você perder as outras duas?

LEONA                  Não sei, mas acho que vou chegar e me declarar ao Zédu, assim, na lata! Se ele não quiser eu do risada ou choro, sei lá, mas pelo menos acaba essa ânsia! Cadê o Mirinho?

MIRINHO                É... É só chegar lá e dizer, mas quem é que faz isso? É esquisito gostar... Que raiva eu estou dela!

ZÉDU                    O que você esta falando, cara? Dela quem?

MIRINHO                De ninguém!

ZÉDU                    Dá carta, vai. Hoje é minha última chance.

MIRINHO                Não, Zédu, vou fazer melhor. Vou fazer essa carta chegar nas mãos de quem deve.

PROFESSOR            O que é um baile de formatura como este? Na aparência é música alta, alegria, animação. Mas pouco se percebe da apreensão, da expectativa e dos desejos que pulsam com cada coração. Principalmente da metade para o fim do baile. É o momento arriscado de fechar ou abrir um novo ciclo de vida.

LEONA                  Mirinho! Onde você se enfiou? Você vai me fazer um enorme favor: entrega um bilhete meu para o Zédu?

MIRINHO                Nem morto!

LEONA                  Porque, não?

MIRINHO                Porque não quero, não tô afim, tá legal? Tô com o saco cheio de ouvir você falar no Zédu!

LEONA                  Também não precisa responder assim! Seu grosso! (MIRINHO SE AFASTA) Onde é que você vai?

MIRINHO                Você viu a Alice?

LEONA                  Não, porque?

MIRINHO Tenho uma carta pra ela.

LEONA De quem? Do Zédu?

MIRINHO (FINGINDO-SE INOCENTE) É.

LEONA Deixa ver. Deixa ler só um pedaço. ( MIRINHO AFASTA-SE. LEONA FICA AFLITA) Mirinho, não vai! (MIRINHO PÁRA FAZENDO-SE SURPRESO) Vem aqui, por favor! Não entregue a carta! Se você é meu amigo, não entrega.

MIRINHO Sou amigo do Zédu também, tenho de entregar!

LEONA Por favor! (SENTA-SE E COMEÇA A CHORAR. MIRINHO FICA SEM JEITO E DEPOIS SE SENTA TAMBÉM. LEONA TIRA AS CARTAS DA BOLSA E ENTREGA A MIRINHO) São as cartas do Zédu pra Alice. Uma eu achei, a outra eu peguei de dentro do caderno dele.

MIRINHO Você roubou!?

LEONA (MEIO OFENDIDA) Roubei, não, interceptei! Sei que não está certo, mas quando se está apaixonada...

MIRINHO Você está mesmo apaixonada por ele?

LEONA Sei lá, Mirinho... Não sei... mas quero ficar, posso ficar, vou ficar! Por isso que você não pode entregar essa carta para a Alice.

MIRINHO E o Zédu sabe?

LEONA Não... por isso eu queria que você levasse um bilhete meu.

MIRINHO Não vou nem quero me meter nessa sua confusão, Leona. O Zédu é vidrado na Alice e você não tinha o direito de fazer o que fez.

LEONA Você não sabe o que é acordar uma manhã e, sem aviso, sentir o coração se apertar até doer e você dizer a si mesma: amo, quero amar! Mas a quem? Quem no meio de tantas pessoas é aquela que vai se abrir pra receber com dedos de seda a coisa preciosa que naquela manhã, ao acordar, você achou no fundo da alma. Como saber quem melhor acolhe, quem merece esse meu primeiro amor? Sabe o que é isso?

MIRINHO Sei. (ABRE O ENVELOPE E TIRA A CARTA. LÊ NUM CRESCENDO DE INTENSIDADE) Recebe com carinho essas palavras. Procurei cada uma delas como quem procurasse uma pedra-diamante, vasculhei cada rio que deságua no meu coração e escolhi as mais

brilhantes, as mais exatas. Elas tem a coragem que não tenho, elas pedem licença por mim, elas chegam onde eu não sei se posso chegar, elas levam minha voz que sopra eu te amo em seus ouvidos.

- LEONA (ALUCINADA SAPATEIA COM OS PÉS AO CHÃO) Ah!, mas não é lindo?!! Ai, Zédu! Quem é que pode não amar alguém que escreve isso!!! (MIRINHO LEVANTA-SE IRRITADO)
- MIRINHO Você não percebe nada!
- LEONA Que é que foi?
- MIRINHO Você não enxerga nada mesmo! Fui eu que escrevi essas cartas! Eu!
- LEONA Você?
- MIRINHO É! O Zédu sabe lá escrever? Com um copo ele é capaz de escrever um “o” errado!
- LEONA Você está é com inveja do Zédu!
- MIRINHO Vai ver as notas de português dele! Ele me pediu para escrever!
- LEONA Mas... por que é que você está tão irritado? (OLHAM-SE UM TEMPO. LEONA IMAGINA COMPREENDER. LOGO COMEÇA A RIR) Não, Mirinho, você não! Desculpe, mas é que... Você não é alguém...
- MIRINHO (CORTANDO, RESENTIDO)...pela qual você se apaixonaria!
- LEONA A gente é amigo...
- MIRINHO Está bem. Dá as outras cartas pra eu entregar para a Alice.
- LEONA Você não vai fazer isso... (MIRINHO COLOCA A TERCEIRA CARTA NA MÃO DELA)
- MIRINHO Então você entrega. Aproveita e entrega esta também. Vou avisar a Alice que você tem três cartas para ela. (SAI. LEONA O CHAMA E FAZ MENÇÃO DE IR ATRÁS DELE)
- LEONA Mirinho! (A MÚSICA SE TORNA MAIS ALTA. CASAIS DE FORMANDOS DANÇANDO A ENVOLVEM. QUANDO OS CASAIS,

SEMPRE DANÇANDO, SE AFASTAM LEONA, SÓ NO PALCO,  
CANTA)

LEONA Quem governa o coração?  
Quem diz não quando ele  
Insiste no sim?  
Quem me fez assim?

Que caminho, que chamado  
Devo atender  
Não tenho olhos pra ver  
O amor que sopra  
dentro da escuridão  
De quem será a mão  
Que irá tocar  
A leve luz que inunda  
Meu coração.

(INTERROMPE O CANTO. A MÚSICA CONTINUA. LEONA SEGURA  
AS CARTAS E CAMINHA EM DIREÇÃO A ALICE QUE DANÇA COM  
JOEL)

LEONA Alice! (ALICE SE SEPARA DE JOEL E VAI EM DIREÇÃO À ALICE)

ALICE Que foi Leona?

LEONA (SEM CORAGEM DE ENTREGAR AS CARTAS) Nada... é que eu  
queria que você me desculpasse qualquer coisa... a gente nunca  
teve muita amizade, mas queria te dizer que te admiro.

ALICE Obrigada. Eu também te admiro.

LEONA Tudo de bom pra você.

ALICE Tudo de bom.

LEONA (VAI SAIR MAS PERCEBE O OLHAR DE MIRINHO EM CIMA DELA.  
VOLTA-SE PARA ALICE, EM LÁGRIMAS) Essas cartas são suas. São  
de alguém que gosta muito de você. Desculpa. (ENTREGA AS  
CARTAS. RETOMA O CANTO)

LEONA Quem governa o coração  
É o amor, a tristeza ou a solidão!  
(LEONA E ALICE SAEM. OS CASAIS CONTINUAM DANÇANDO E JOEL, COM UM GESTO DE IRRITAÇÃO VÊ SUA MÃE ENTRAR NOVAMENTE NO PALCO)

MÃE Filho! (JOEL SAI) Joel! (AO PÚBLICO) Os filhos crescem e tantos caminhos desconhecidos que têm o mundo se abrem e atraem... tantos perigos Ser mãe é aprender uma nova forma de medo.

PROFESSOR Aviso que essa é uma história estranha, que muita gente duvida que tenha de fato acontecido. Eu não. Eu creio em cada acontecimento, em cada palavra dela porque é lei que algumas histórias têm de ser inventadas para serem verdadeiras. De algum tempo para cá os conflitos cresceram muito na família de Joel.

PAI Na rua até essa hora! Vou ter uma conversa séria com ele, de uma vez por todas!

MÃE Vai com calma, por favor!

PAI Calma tenho tido esse tempo todo! Faz o que quer, não diz onde vai nem que horas chega, entra e sai como se fosse um estranho nessa casa! Pior, como se nós fôssemos estranhos!

MÃE Calma! Ele vem chegando. (ENTRA JOEL.)

PAI Muito bem, rapaz! Chegou a hora de termos uma conversinha!  
(JOEL PERCEBE A PRESENÇA DOS PAIS E REAGE COM DESESPERO)

JOEL Ah, meu Deus! Eu vou enlouquecer!

PAI Pode enlouquecer, mas antes vai falar comigo!

JOEL Eu não tenho nada a falar com vocês!

MÃE (TENTANDO CONTEMPORIZAR) Está bem, filho... Outra hora...

PAI Você não tem, mas eu tenho a falar. E muito!

JOEL Eu não vou ouvir! (SAI PISANDO DURO)

PAI Volta aqui, rapazinho! (VAI ATRÁS DE JOEL, É CONTIDO PELA MULHER)

MÃE Deixa...outra hora!

PAI (GRITA PARA FORA, PARA SER OUVIDO POR JOEL) Esse menino, está na hora de se tornar homem! (JOEL VOLTA FURIOSO)

JOEL Então me deixa seguir meu caminho!

PAI Ser homem, pra você, é fazer o que quer? É ficar pra cima e pra baixo, vagabundeando, com quem a gente não conhece? Na sua idade...

JOEL O senhor não tem minha idade nem eu a sua!

MÃE É pelo seu bem...

JOEL Que meu bem, mãe!

PAI Acabou! De hoje em diante, dentro dessa casa, você vai fazer o que eu quero! Dentro dessa casa mando eu!

JOEL Então, eu saio! Eu não agüento mais!

MÃE Por favor...

PAI Quem não agüenta mais sou eu! (JOEL SAI. O PAI, PARA SI) Trabalho feito um cão, dez, doze horas por dia, não mereço isso, não mereço isso!

MÃE É a fase... as companhias...

PAI Sei lá... a gente está tocando a vida, o tempo passa e um dia, sem que a gente perceba os filhos cresceram, ficaram distantes... Você lembra como eu era com ele? Unha e carne. Hoje eu não sei o que falar com ele, como falar e ele não quer ouvir. Eu não entendo como é que essas acabam acontecendo...

MÃE Vou falar com ele. Lugar dele é aqui em casa. (MÃE SAI)

PROFESSOR No dia da formatura eu e Joel trocamos algumas palavras, ele parecia um pouco tenso, fechado dentro de si. Tudo bem, Joel? Ele respondeu: 'tudo!'

AMIGO Chega aí, cara! Beleza?, cumprimentei logo que o vi. Percebi logo que nada estava bem quando Joel passou lá em casa depois do baile de formatura. 'Vamos trocar umas idéias', intimou. Eu que sou amigo leal, fui. Avisei a velha e saímos pra noite. A lua estava alta, bonita mesmo, e batemos perna até de madrugada. Ele só falava em saltar fora, cair no mundo, deixar casa, idéia fixa. Ofereci

- asilo: fica lá em casa uns dias, eu ajeito. Agradeceu, se afastou e foi virando sombra na noite... Estava meio desnorreado.
- JOEL Subi e descii minha rua umas três vezes sem me decidir a entrar. Eu sabia o que ia dizer, sabia o que devia fazer, mas nessas horas sempre falta coragem. Parei, respirei fundo, abri a porta e entrei: eles estavam lá.
- MÃE Ele entrou. Não sei por que, mas tive medo quando vi meu filho entrar. Meu coração me avisou que seria a última vez que eu iria vê-lo. Recusei acreditar.
- JOEL Endurece, Joel! Faz o que tem de ser feito!, encorajei a mim mesmo, mas levantei o olhar para o rosto duro do meu pai... e desviei os olhos para a expressão frágil de minha mãe e perdi toda coragem juntada. Senti raiva de meus olhos que se encheram d'água.
- MÃE Eu e seu pai estamos preocupados...
- JOEL Não fala nada, mãe!
- PAI (TENTANDO SE CONTER) Não fala assim com sua mãe!
- MÃE Não vamos brigar de novo. Só queremos conversar, filho...
- PAI A vida não é fácil, filho! Você precisa se preparar para o mundo, ter uma profissão, uma carreira...
- MÃE Escuta seu pai! Você não se cuida... Essas amizades... Você não pára em casa!
- PAI Queremos o melhor e... não faz essa cara, garoto! Temos o direito...
- JOEL Vocês não tem direito nenhum! E não me chame de garoto!
- PAI Chamo, moleque! E não levante a voz comigo! Temos todo o direito! Conquistamos esse direito durante anos com trabalho, com zelo, com preocupação e noites mal-dormidas... Temos todo o direito!
- JOEL Eu não agüento mais!
- PAI Quem não agüenta mais somos nós! É sua mãe que se preocupa e chora sem saber onde você anda!
- JOEL É a minha vida, pai!

MÃE (AOS PRANTOS) É a nossa vida! Ainda somos uma família!

PAI (INVESTE CONTRA JOEL) De hoje em diante, garoto, ... (JOEL INTERROMPE AOS GRITOS)

JOEL Pai! Mãe! Vocês estão mortos! (SILÊNCIO. PAI E MÃE SE ENTREOLHAM, SENTEM-SE PERDIDOS) Lembram? Eu só soube no dia seguinte. “A noite estava escura/ muita neblina/ bateram/ quinze carros num engavetamento/ seus pais/ eles morreram, Joel!” Foi assim, nessa forma truncada pelo desespero, que a tia Alzira me contou.

MÃE Que você está dizendo, filho?

PAI (APÓS UM MOMENTO, CAI EM SI) Deixa, mulher...

MÃE Como deixa? Eles diz uma coisa dessas e...? (PAUSA. MÃE OLHA JOEL E VOLTA A OLHAR O MARIDO. ELE CONFIRMA COM UM ACENO DE CABEÇA. A MÃE RECUSA A VERDADE NUM SOPRO DE VOZ) Não... (PAI A ABRAÇA)

JOEL Vocês precisam me deixar em paz!

MÃE Mas, filho...

JOEL É a minha vida, mãe! Como posso viver com sua cobrança diária, com seu olhar que me segue para onde vou...

MÃE É amor...

JOEL Sufoca, mãe, sufoca! E sua expressão feroz, pai, quando não cumpro suas expectativas... Por isso vou embora dessa casa. Pra viver preciso esquecer seu olhar duro, pai, e me afastar de sua expressão amorosa e desolada, mãe.

MÃE (AO PÚBLICO) Mais do que a morte o que dói é a separação, meu coração sussurrou. Mas o amor é também feito de durezas, respondi. E com esforço calei meu coração e com esforço consegui sorrir. (À JOEL) Fica, filho. Eu e seu pai vamos embora. (JUNTAM-SE ABRAÇADOS E PERMANECEM PARADOS UM TEMPO OLHANDO JOEL. COMEÇAM A ANDAR LENTAMENTE PARA TRÁS) O desejo é ter você abraçado a meu peito num tempo que não se conta...

PAI Se cuida, filho. Não se esqueça de nós. (PÁRAM. A MÃE ESTENDE OS BRAÇOS EM DIREÇÃO A JOEL. O MARIDO A ENVOLVE ABRAÇANDO-A E OS DOIS SE DIRIGEM À SAÍDA. NO LIMIAR DO PALCO A MÃE AINDA SE VOLTA, SORRI E SAI. LUZ CAI)

### Epílogo

(LEONA E MIRINHO ENTRAM COM CADEIRAS E SE SENTAM DE COSTAS NAS EXTREMIDADES OPOSTAS DO PALCO. AO MESMO TEMPO OS CASAIS DE FORMANDOS DANÇANDO TOMAM O PALCO. CANTAM)

ATORES Está tudo por fazer  
Caminho e caminhada  
Partir, sempre partir  
Exista ou não estrada.  
Aonde for a luz da lua  
Também nós podemos ir!

(ENQUANTO OS ATORES CANTAM LEONA E MIRINHO MOVIMENTAM COM RUÍDO E IRRITAÇÃO SUAS CADEIRAS, PRIMEIRO VIRANDO-AS DE FRENTE PARA O PÚBLICO, DEPOIS DE FRENTE UM PARA O OUTRO. LEVANTAM-SE DAS CADEIRAS E APÓS UM MOMENTO DE INDECISÃO IRRITADA, LEONA VAI ATÉ MIRINHO)

LEONA Eu nem devia ter vindo!

MIRINHO Então, porque veio?

LEONA Porque está tocando a última música e não queria ficar sentada feito tonta, sem par.

MIRINHO Não sei dançar e não estou com vontade de aprender.

LEONA Por favor, seu grosso, levanta! (MIRINHO LEVANTA EMBURRADO. COMEÇAM A DANÇAR, AMBOS DE MAU HUMOR) Também não

precisa fazer essa cara! Eu também não estou satisfeita. (MIRINHO PARA DE DANÇAR)

MIRINHO É fácil resolver isso!

LEONA Não se atreva a me abandonar no meio da dança! (RECOMEÇAM A DANÇAR) Desculpa. Acontece que está tudo errado. Você não devia ter falado aquilo.

MIRINHO Eu também acho.

LEONA É que somos amigos e entre amigos não dá certo. E, depois, não é nada pessoal, mas eu nunca pensei em namorar você... Não dá liga, não dá química...

MIRINHO Não vamos falar mais disso, não... Vamos só dançar, tá? (DANÇAM EM SILÊNCIO. ATORES CANTAM.)

ATORES Soltar as velas  
Pra aprender a navegar  
Deixar o porto  
Pra saber aonde chegar  
Aonde for a luz da lua  
Também lá podemos estar.

(OS ATORES CONTINUAM A DANÇAR. ALICE E ZÉDU, DANÇANDO COM OUTROS PARCEIROS CRUZAM-SE E PARAM DE DANÇAR. OLHAM-SE)

ALICE Foi você que escreveu as cartas?

ZÉDU Não, mas senti aquilo tudo. E ainda sinto. (OS DOIS COMEÇAM A DANÇAR. OS PARCEIROS QUE SOBRARAM FORMAM UM NOVO PAR)

LEONA Vou sentir saudades. Foram os melhores anos da minha vida! (MIRINHO APENAS A OLHA) Não vai dizer nada? Está me olhando assim porque? Eu não queria terminar brigado com você... A gente sempre foi amigo...  
(NARRA AO PÚBLICO) E foi aí: uma pedra, uma faísca de luz brilhou no fundo abismo escuro dos olhos dele e me chamou com

a voz morna de quem segura e abraça. Eu disse ‘Não, não quero!’, mas meus dedos já se fechavam em pressão suave sobre os ombros dele.

MIRINHO Eu disse quero, aceito, abrigo!, enquanto um tremor benvindo varria minha pele, tirava meu ar e começava a abrir meu riso e meu medo.

LEONA Eu ainda tentei manter o governo de mim. E parei a dança e me afastei dois passos. E fui rude e brusca e repeti ‘não! Não é você que eu quero!’, mas o coração corria descontrolado como criança num parque.

MIRINHO Ela voltou e me olhou como quem me vê pela primeira vez.

LEONA Eu só tinha olhos para a pedra, a faísca de luz que brilhava no abismo escuro dos olhos dele. E ri por dentro e ri por fora. Eu era inteira riso (BEIJAM-SE CONTINUANDO A DANÇAR).

ATORES  
Soltar, fazer-se ao mar  
Naufragar se for destino  
Mas amar, fazer-se amar  
Tempestades, sol a pino  
Onde brilhar a luz da lua  
Meu barco há de chegar.

(PROFESSOR OLHA PARA OS FORMANDOS QUE DANÇAM E PARA A PROJEÇÃO)

PROFESSOR Meu nome é Dédalus como o arquiteto da lenda. Arquiteto também sou, só que a minha arquitetura é o desconhecido é o obscuro amanhã que trabalho por construir, na sala de aula, com esses meninos. O saber é matéria frágil num mundo que privilegia a força. Mas insisto por teimosia e vocação. Como o arquiteto da lenda eu também faço e ensino a fazer frágeis asas coladas com cera, pois acredito que é melhor o risco do voo do que a prisão. Essas três lembranças minhas voam em direção ao sol com suas frágeis asas e o tempo do voo será eterno. Nunca chegarão ao sol e

ele nunca derreterá a cera que cola suas frágeis asas. Nenhum dos três cairão como Ícaro. Não creio em Deus, mas essa é minha oração.

**FIM**